



O INTIMISMO DE CLARICE LISPECTOR NA LITERATURA INFANTIL: análise da obra 'A mulher que matou os peixes'¹

Tatiane Gomes da Silva Barragan*

RESUMO

No presente artigo, analisaremos a obra **A mulher que matou os peixes** de Clarice Lispector, observando seu estilo que permanece em todas as suas obras. Constatamos a partir de então que sua literatura infantil é de grande importância e que leva o leitor a refletir e desvendar os grandes mistérios de sua literatura. O desenvolvimento deste estudo deu-se através de muitas pesquisas de teóricos da literatura brasileira e da obra de Clarice Lispector. A autora é considerada um grande nome da literatura brasileira por seu estilo introspectivo e intimista e não foi diferente na obra analisada, sendo esta repleta de ambiguidades.

Palavras-chave: Letras. Literatura infantil. Clarice Lispector. **A mulher que matou os peixes.**

1 INTRODUÇÃO

Clarice Lispector é considerada uma das escritoras que transformou os padrões institucionais da escrita literária da época, apresentando através de seus personagens situações e conflitos vivenciados no dia a dia fazendo com que as pessoas se identifiquem com sua obra.

Em **A mulher que matou os peixes**, obra infantil que será analisada neste trabalho, a autora também mantém suas características e seu estilo de escrever. Tendo em vista que a literatura infantil, ao longo de sua história, é marcada pelo caráter moralista, assumindo o papel de formar e educar crianças, neste trabalho visualizaremos que Clarice Lispector está liberta desse aspecto utilitarista, escrevendo para crianças desinfantilizando-as e fazendo com

¹Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2010, sob a orientação da Dra. Rosana Rodrigues da Silva.

* Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2010. Cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

que encarem os momentos delicados de forma simples sem se sentirem melindradas pelos acontecimentos. Este trabalho tem como objetivo identificar na obra essas marcas e as situações presentes, além de analisarmos a oralidade e a sensibilidade com que a autora escreve esse texto. Analisaremos também os elementos estruturais dentro da narrativa, definindo a importância, função e símbolo representado por eles dentro da obra infantil, tal como personagens, tempo e espaço, influenciando nos acontecimentos e caracterizando-os.

Para que haja melhor alcance da interpretação e/ou reflexão da obra, é necessária uma análise que vá além do que está escrito, aproveitando as brechas que a autora nos deixa para mergulharmos fundo e encontrarmos mundo de possibilidades e interpretações.

2 A NARRATIVA INFANTIL DE CLARICE LISPECTOR

Clarice Lispector mantém seu estilo ao escrever para crianças. São relatos reais do cotidiano, histórias de vida, mas que se diferenciam pelo modo como são narradas. O sentido dessas narrativas traz nas entrelinhas profundas experiências humanas. Diferente de outras obras destinadas ao público infantil, a autora não finaliza o enredo trazendo lições. Sua técnica está em fazer seus leitores tirarem suas próprias conclusões.

Suas obras para o público infantil, não trabalham textos fechados como as fábulas e não retratam os animais como inofensivos, mas como bichos humanizados, que têm inteligência e preferências, valorizando também a relação entre o ser humano e outras espécies.

Em suas obras infantis, há um diálogo do narrador com o leitor. A todo o momento o narrador interroga o leitor, questionando e observando as variadas situações sobre os personagens, os gostos e as expectativas. Essas interrogações trazem para as narrativas a aproximação do leitor com o narrador, que só é possível quando o autor se coloca do lado do leitor, sem apenas falar sobre crianças e sim utilizar fatos que elas gostem, fazendo com elas ampliem seu olhar diante do mundo.

Marisa Lajolo e Regina Ziberman (2002, p.154-155), ao analisarem as obras infantis de Clarice Lispector, fizeram a seguinte observação:

Nesse projeto, além da marca inconfundível de Clarice, pode-se reconhecer também um procedimento nitidamente moderno: a fragmentação e a diluição da narrativa, sempre postergada, o que exige ostensivamente a participação do leitor a quem o narrador se dirige com frequência, explicando o que narra e fazendo perguntas.

O leitor mirim era infantilizado nas narrativas destinadas às crianças no início do século XX. A obra de Monteiro Lobato, nesse sentido, foi revolucionária, pois alterou o enfoque do mundo adulto como norteador do pensamento infantil e trouxe para a literatura o olhar da criança, com sua vivacidade, esperteza e caprichos que a boneca Emília soube muito bem expressar. Além de Lobato, outros modernos se voltaram para a narrativa infantil, como é o caso de Érico Veríssimo, Graciliano Ramos e Raquel de Queirós, com obras menos expressivas.

Na esteira de seus contemporâneos, Clarice Lispector excursiona pelo gênero, mas sem priorizá-lo e sem desligar-se do restante de sua ficção. Contudo, a autora promove em sua narrativa uma desinfantilização do leitor, ao romper com o moralismo e focar a criança personagem de modo intimista e questionador.

Clarice Lispector, ao desinfantilizar seus leitores/crianças, mergulha no universo da infância e busca o modo de ser criança, suas vivências, privilegiando um diálogo envolvente, íntimo e sensível com a criança, capaz de revelar a humanidade da própria criança. A autora consegue captar um instante e expandi-lo, a partir da vivência da personagem.

Clarice Lispector, em sua literatura para criança, não tem uma preocupação com moralidades; não pretende moralizar ou alegorizar alguma preocupação essencialmente social. Sua literatura infantil aproxima-se da realidade, mas ao fazê-la, passa a explicá-la, o que constitui uma característica que marca o estilo da autora e aproxima suas obras, quer para adulto ou para criança.

3 A MULHER QUE MATOU OS PEIXES: oralidade e sensibilidade poética da escritora Clarice Lispector

Clarice Lispector quando escreveu este livro, motivada pela perspectiva infantil que é muito mais suave, muito delicada e muito sutil, fala sobre acontecimentos tristes com a pureza e a magia com que uma criança falaria sobre eles.

A morte, como o próprio título se refere, é um tema pouco abordado na literatura infantil, mas é tema constante nas obras de Clarice Lispector e a autora consegue transmitir tal momento de forma simples, sem que as crianças se choquem com a situação.

Coelho (2000, p.155) a respeito deste tema diz:

A intenção de realismo e verdade se alterna com atração pela fantasia, imaginário ou maravilhoso. Este último, por vezes, apresenta uma conotação metafísica: preocupação com o mistério da vida ou da morte- preocupação com aquilo que transcende a aventura terrestre.

Na obra, Lispector trata além da morte dos ‘vermelhinhos’, era assim que chamavam os peixinhos, também a morte de Lisete, uma miquinha comprada de um contrabandista na rua que viveu pouco com a família, mas que se tornou muito amada por todos. Sua morte foi anunciada com muito pesar e sensibilidade para que as crianças não se sentissem tão tristes, como no trecho abaixo:

No dia seguinte o veterinário telefonou avisando que Lisete tinha morrido durante a noite. Compreendi então que Deus queria levá-la. Fiquei com os olhos cheios de lágrimas e não tinha coragem de dar esta notícia ao pessoal da casa. Afinal avisei, e todos ficaram muito, muito tristes... [...] Um dia desses vou comprar um miquinho com saúde. Mas esquecer Lisete? Nunca. (LISPECTOR, 1999, p.20-21).

A forma com que a autora traz a verdade em suas obras, faz com que os pequenos leitores se interessem pelos mistérios da vida e da morte. Tendo em vista que são temas complexos, a autora transcreve de uma forma singela, tornando-os temas tão comuns quanto às histórias moralistas, mas sem perder o fantástico, o tom imaginário que as obras infantis trazem.

Essa narrativa encontrada na obra nos remete a refletir sobre o que é a vida e como as crianças interpretam e convivem com momentos delicados.

Coelho (2002, p.11) cita em sua análise da literatura infantil a seguinte opinião:

Que a força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens, mas sem perder o senso crítico, que é estimulado pelos enredos.

Toda história tem a força de fazer o ouvinte vivenciá-las no momento de sua narração e Clarice Lispector consegue nos envolver ainda mais, pois traz em suas narrativas infantis momentos aconchegantes e íntimos, fazendo com que a criança sinta uma presença maternal, como se a história estivesse sido contada por uma pessoa próxima dela, além de a criança se identificar com as situações e os momentos narrados pela autora.

Ela traz em suas obras momentos de sua infância que fazem as crianças se encontrarem dentro do texto.

Também em seu livro a autora Nelly Novaes Coelho (2000, p.153) nos conta que:

O ato de contar faz-se cada vez mais presente e consciente no corpo da narrativa. Em função da crescente valorização que a nossa época dá à linguagem como fator essencial na formação da criança e dos jovens, a literatura contemporânea tem

supervalorização o ato de narrar- compreendido como ato de criar através da palavra... Daí a utilização cada vez maior da metalinguagem, com histórias que falam de si mesmas e do seu fazer-se. Esse novo aspecto da literatura infantil/juvenil visa levar os leitores a descobrirem que a invenção literária é um processo de construção verbal, inteiramente dependente da decisão do escritor.

Ato esse que fica evidente na obra, a narradora põe-se a nos contar uma história, como neste trecho:

“Já descansaram? Bem então prestem bastante atenção porque essa história de cachorro é terrível mesmo. Não pensem que estou inventando minhas histórias. Dou minha palavra de honra que minhas histórias não são de mentira: aconteceram mesmo”. (LISPECTOR, 1999, p.21).

Suas personagens são cercadas de dúvidas e incertezas, retratando assim, uma escritora que se revela em suas obras.

O conflito é a principal condição das personagens. Esse conflito que as personagens de Clarice Lispector vivenciam, são conflitos existências, onde os personagens sempre estão em dúvida em relação à vida e a morte, a realidade e o fantástico etc.

Nas suas obras infantis as personagens continuam nesse embate de consciência, mas a autora os escreve de forma simples para que os leitores infantis se identifiquem com suas histórias.

Coelho (2002, p.52) ainda destaca que: “Sendo a literatura infantil portadora de verdades eternas, reflete a esperança em sua singeleza, reflete a força irresistível da confiança que provoca em cada ser a descoberta de sua própria força”.

Os recursos narrativos utilizados por Clarice Lispector em suas obras infantis tornam suas obras abertas. Parece que os leitores se tornam íntimos da escritora ao lerem/ouvirem suas histórias, como se ela estivesse ali, contando bem de perto.

Esse modo como ela dialoga com a criança através da obra, faz com que ela ganhe sua confiança, como no trecho da obra **A mulher que matou os peixes**:

“Antes de começar, quero que vocês saibam que meu nome é Clarice. E vocês, como se chamam? Digam baixinho o nome de vocês e meu coração vai ouvir”. (LISPECTOR, 1999, p.9).

Neste trecho, percebemos que a autora se põe como narradora na história e convida a criança para que elas participem da história. Clarice se aproxima das crianças para que elas se sintam parte do contexto, para que elas vivenciem as experiências ali narradas pela autora.

Em suas obras infantis, Clarice não se preocupa em moralizar alguma preocupação social, seu objetivo é se aproximar da realidade para denunciá-la, tentando explicá-la e não representá-la, se aproximando de suas obras para adultos.

O uso da metalinguagem também é uma característica que podemos observar nessa obra e Regina Ziberman e Marisa Lajolo (1986, p. 79), fazem uma citação que nos mostra que Clarice Lispector usa desse elemento na obra analisada.

Na estrutura da metalinguagem, a literatura se tematiza a si mesma, como nas obras de Clarice Lispector, ou então patrocina diálogo com outros textos através de paródias e reescritas (**A mulher que matou os peixes**)... É preciso considerar que metalinguagem e intertextualidade são procedimentos literários cujo significado pleno só ocorre a partir do momento em que o gênero em que eles se manifestam já se consolidou. Tal consolidação é fundamental para garantir um lastro de memória coletiva capaz de evocar, quando estimulada, os textos matizes da reescrita.

Como exemplo dentro da obra analisada, podemos destacar esse trecho que traz o intertexto e a metalinguagem.

Eu já contei a história de um coelho num livro para gente pequena e para gente grande. Meu livro sobre coelhos se chama assim: **“O mistério do coelho pensante”**. Gosto muito de escrever para crianças e gente grande. Fico muito contente quando os grandes e os pequenos gostam do que escrevi. (LISPECTOR, 1999, p.12).

Clarice Lispector em suas obras faz com que os leitores entendam que a vida é maior que nós, e que os dizeres estão sempre entre as entrelinhas. O mundo clariciano é muito complexo, mas desperta a vontade de estudá-lo e desvendar cada momento, cada mistério.

Na obra **A mulher que matou os peixes**, a autora, já começa se desculpando por ter matado os peixes. Mas foi tudo sem querer, e isso ela pode provar ao longo da narrativa, como promete logo no início:

“Essa mulher que matou os peixes infelizmente sou eu. Mas juro a vocês que foi sem querer. Logo eu! Que não tenho coragem de matar uma coisa viva! Até deixo de matar uma barata ou outra”. (LISPECTOR, 1999, p.7).

Ela só conta como tudo aconteceu ao final do livro, porque no começo e no meio conta as várias histórias dos bichinhos que teve como gostou e tratou bem a cada um deles, inclusive aos ‘vermelhinhos’ que eram os dois peixinhos que morreram de fome porque ela se esqueceu de lhes dar comida.

A narradora é a própria Clarice Lispector. Narrador e autor fundidos numa só pessoa, já que ela narra de maneira tão intimista os fatos que podem justificar ou absolvê-la por ter matado ‘os vermelhinhos’, peixes do título do livro.

Nessa obra, Clarice Lispector trata de uma questão importante que é a falta de tempo, o cotidiano do ser humano, e que na verdade, foi a causa da morte dos peixes, pois, por ter

outras tarefas, a narradora esqueceu-se de algo tão importante que era alimentar e trocar a água dos peixes vermelhinhos.

Mas a todo o momento a autora tenta se justificar por ter matado os peixinhos, e tenta provar toda sua afetividade por animais, relatando seu contato e carinho por animais. Toda a narrativa desse texto relata fatos e presença de outros animais para demonstrar o amor e o respeito que ela tinha por eles.

A autora deixa para os leitores o desfecho da história, deixando que eles decidam se ela tem culpa, se ela merece ser perdoada:

Vocês ficaram muito zangados comigo porque eu fiz isso? Então me dêem perdão. Eu também fiquei muito zangada com a minha distração. Mas era tarde demais para eu lamentar. Eu peço muito que vocês me desculpem. Dagora em diante nunca mais ficarei distraída. Vocês me perdoam? (LISPECTOR, 1999, p.31).

A linguagem, bastante próxima da oralidade, é marcada por vários recursos estilísticos típicos do gênero infantil, onomatopeias, aliterações, prosopopeias e catacreses:

“Mas parece que uma barata, antes de morrer, conta baixo às outras baratas que minha casa é perigosa para a raça delas, e assim a notícia se espalha pelo mundo das baratas e elas não voltam para minha casa” (LISPECTOR, 1999, p.10).

Essa narrativa se utiliza de uma linguagem muita próxima da criança, pois se utiliza de repetições de ideias, utilizando também a mistura da realidade com o fantástico.

O leitor é constantemente instigado a se aprofundar na realidade de seus fatos e apropriar-se do fantástico que existe nessa realidade desde que a imaginação e capacidade de inventar sejam despertadas.

Clarice Lispector faz isso como no trecho retirado da obra **A mulher que matou os peixes:**

O silêncio da ilha é um silêncio diferente: é atravessado pelos sons característicos dos habitantes animais e vegetais. Planta, se a gente pegar com jeito, as folhas delas parecem cantar. E falam com a gente. O quê? Depende de a gente estar triste ou alegre, com fome de beleza e de conversa. (LISPECTOR, 1999, p. 27).

Por se tratar de uma linguagem coloquial e cotidiana, a obra se torna mais íntima de cada leitor, fazendo com ele se identifique com as histórias contadas pela autora.

A autora também escreve de forma confessional e intimista, fazendo com o leitor se sinta mais próximo da escritora, como nesse trecho da obra:

“Sabem de uma coisa? Resolvi agora mesmo convidar meninos e meninas para me visitarem em casa. Vou ficar tão feliz que darei a cada criança uma fatia de bolo, uma bebida bem gostosa, e um beijo na testa”. (LISPECTOR, 1999, p.11).

Essas características utilizadas por Clarice Lispector tornam a obra **A mulher que matou os peixes**, tão interessante para as crianças, pois aguça o sentido, o sentimento e a vontade de continuar lendo para descobrir qual o desfecho dessa história, envolvendo o leitor em um universo agradável para convencê-lo de que ela não matou os peixes propositalmente.

Os personagens desse livro são animais com os quais a autora conviveu durante toda sua vida, como a macaca Lisete, os cachorros Jack e Dilermando e esses animais mantêm uma proximidade com o leitor infantil, pois fazem parte da vida da criança e pertence ao seu imaginário.

A narradora exerce papel de personagem e o papel de uma verdadeira contadora de histórias, daquelas que toda criança quer ter ao lado antes do sono profundo repleto de sonhos, parecendo uma pessoa muito próxima e querida da criança, uma pessoa que se comporta como um anjo da guarda, velando por toda a noite, guardando a criança durante toda a história e a cada momento nos quais as páginas desse livro forem abertas.

“Se vocês gostam de escrever ou desenhar ou dançar ou cantar, façam porque é ótimo: enquanto a gente brinca assim, não se sente mais sozinha, e fica de coração quente”. (LISPECTOR, 1999, p.12).

A impressão é de que a narradora/personagem é uma amiga que conversa, aconselha, pergunta, brinca e conta fatos de sua própria vida com carinho imenso. Por exemplo, nesse trecho de **A mulher que matou os peixes**, a autora aconselha as crianças:

Vocês ficaram tristes com esta história? Vou fazer um pedido para vocês: todas as vezes que vocês se sentirem solitários, isto é, sozinhos, procurem uma pessoa para conversar. Escolham uma pessoa grande que seja muito boa para crianças e que entende que às vezes um menino ou uma menina estão sofrendo. (LISPECTOR, 1999, p. 25-26).

Ela também parece morar dentro do livro, é incrível a sensação de proximidade, dada as palavras, os termos em geral e o modo de conduzir a narrativa, que a escritora estabelece com o leitor infantil, não só o adulto, como já foi muitas vezes discutido analisado.

Ao mesmo tempo em que a obra se encaixa nas fábulas modernas, tratando de histórias de animais, se afasta por se concentrar na essência dos personagens, como descrito nesse trecho do livro:

Escolhi uma miquinha muito suave e linda, que era muito pequena. Estava vestida com saia vermelha, e usava brincos e colares baianos. Era muito delicada conosco, e dormia o tempo todo... Lisete às vezes parecia sorrir pedindo desculpas por dormir tanto. Comer quase não comia, e ficava num cantinho só dela. (LISPECTOR, 1999, p.18).

Nessa obra, Clarice Lispector, nos faz lembrar toda nossa infância e todo o contato que mantivemos com animais de todas as espécies. Traz-nos um momento nostálgico de grande emoção e recordação, desses que nós gostaríamos de lembrar pelo resto da vida. E com o pequeno leitor não é diferente, a autora, mexe com o imaginário da criança, fazendo com ela se lembre dos animais que já teve e os que ela gostaria de ter.

4 CONCLUSÃO

Com essa pesquisa pudemos observar que a narrativa infantil da autora é um esboço de sua literatura adulta, ela traz os mesmos dilemas de forma mais simples e singela para que o leitor infantil possa compreender e interpretar o mistério que envolve sua narrativa.

Clarice Lispector sabe como nos envolver em seus emaranhados e faz com que nós leitores nos identifiquemos com as histórias do cotidiano e de sua própria vida.

Conseguimos fazer uma análise profunda da obra escolhida, fazendo com que interpretássemos e desvendássemos o sentido e a sensibilidade com que a autora trata assuntos delicados com as crianças.

A literatura de Clarice Lispector para crianças é muito mais que histórias fantásticas e moralistas, a autora traz para o universo infantil, situações que ocorrem de fato em nossa vida, fazem com a criança vivencie sentimentos e descubra como o mundo pode ser descomplicado se vivido de forma intensa e simples.

A maior riqueza que tiramos dessa pesquisa minuciosa sobre a literatura infantil de Clarice Lispector é a sutileza e a veracidade que temos que ter com as crianças, sem mentiras ou qualquer tipo de lição de moral.

Uma vez que trabalha o imaginário, o prazer da leitura, um rico conteúdo de informações, levando o leitor a um universo criativo e, ao mesmo tempo participativo, dialogando a todo o momento com o receptor e com diferentes pontos de vista para a apresentação dos acontecimentos, não se distanciando, em momento algum, de características presentes em outras obras escritas por Clarice Lispector.

ANALYSIS OF THE WORK THE WOMAN WHO KILLED THE FISH

ABSTRACT²

In the present article, we will analyze the work **The woman who killed the fish** written by Clarice Lispector, watching her style that remains in all her works. We saw that her children's literature is of great importance and it leads the reader to reflect and understand the great mysteries of her literature. The development of this study was possible through many studies of Brazilian literature theorists and the works of Clarice Lispector. The author is considered an important name in Brazilian literature for her introspective and intimate style and it wasn't different in the work analyzed, being full of ambiguities.

Keywords: Languages. Children's literature. Clarice Lispector. **The woman who killed the fish.**

REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil:** teoria, análise e didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira:** história e histórias. São Paulo: Ática, 2002

_____; _____. **Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira:** histórias, autores e textos. 4. ed. São Paulo: Global Editorial, 1986.

LISPECTOR, Clarice. **A mulher que matou os peixes.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

² Transcrição realizada pela aluna Tatiane Gomes da Silva Barragan e revisão pela aluna Vanessa dos Santos Scarranaro, do curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa.